

MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO

Raniery Silva Guedes de Araujo
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR-UFF)
Bolsista da CAPES
Integrante do Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade (T-Cult-UFF)
ranieryguedes@id.uff.br

Resumo: O artigo tem por objetivo demonstrar possibilidades de interações entre as teorias da Memória Social e do Turismo, especificamente através da concepção de silêncio e esquecimento adotada por Michael Pollak, que leva a reflexões sobre as relações de poder, na medida em que existe uma memória oficial do turismo que se sobrepõe às memórias subterrâneas.

Palavras-chave: Turismo. Esquecimento. Silêncio. Memória oficial. Memória subterrânea.

Abstract: This paper aims to demonstrate possibilities of interactions between the theories of social memory and Tourism, specifically by designing silence and oblivion adopted by Michael Pollak, which leads to reflections on relations of power, to the extent that there is an official Tourism Memory that overlaps the underground memories.

Keywords: Tourism. Oblivion. Silence. Official Memory. Underground Memory.

Introdução

O campo de estudos da Memória Social tem dialogado de maneira transdisciplinar com distintas áreas do conhecimento, mas pouco tem interagido com o Turismo – fenômeno social complexo que envolve encontros entre diferentes culturas.

Este estudo buscou, em um primeiro momento, situar as concepções de Memória e Turismo, de maneira que pudessem ser sociologicamente compreendidas. A Memória Social é problematizada através do embate com a noção de memória individual e o turismo visto para além de uma atividade econômica, como fenômeno sociocultural. Em seguida, foram apresentadas teorias da Memória Social e do Turismo, construídas através das dimensões multi, inter e transdisciplinares, além de situar os dois campos do conhecimento em suas características de constructos sociais. Por fim, discutiu-se como se constituem as relações entre memória, silêncio, esquecimento e turismo, e como se estabelecem os jogos de poderes neste silenciamento ou esquecimento de memórias.

Algumas considerações a respeito da Memória Social e do Turismo

Ao se propor realizar estudos, através dos campos do saber da Memória e/ou do Turismo, é importante reconhecer suas características enquanto campos sociais. Na primeira metade do século XX, Maurice Halbwachs tornou-se o grande estudioso da memória em seu caráter social, ao adaptar o fato social durkheimiano ao que ele chamou de “quadros sociais da memória”.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 2004, p. 54).

Já no caso do Turismo, os estudos que permeiam grande parte do século XX o investigam apenas como atividade econômica, vindo a ser evidenciado como fenômeno social apenas a partir da década de 1980, através dos autores Jafar Jafari, Jost Krippendorf, Jonh Urry, e McCannell.

Tendo em vista que o século XX é marcado pelo rompimento de alguns paradigmas da ciência moderna, dentre eles a proposta de campos exclusivos dos saberes, que vem sendo relativizada. Surgem, assim, as noções de multi, inter e transdisciplinaridade, dimensões com base nas quais as teorias da Memória Social e o Turismo vêm-se desenvolvendo.

Nos procedimentos multidisciplinares, um somatório de disciplinas é requerido para dar conta de um mesmo objeto teórico sem que haja necessidade de um entrecruzamento das diferentes abordagens, podendo cada disciplina manter-se em sua própria esfera (GONDAR, 2005, p. 14).

Nos estudos do Turismo, a multidisciplinaridade é o que mais vem acontecendo, muitas disciplinas sendo utilizadas para estudar o fenômeno, mas pouco se tem avançado na correlação entre elas.

Na interdisciplinaridade, tem-se igualmente um mesmo tema sendo trabalhado por disciplinas distintas, porém os discursos acerca desse tema são postos em diálogo. A idéia central é a de que o universo dos saberes deve ser democrático: busca-se o diálogo, admite-se a paridade dos participantes e procura-se dar ao debate o horizonte do consenso (GONDAR, 2005, p. 14).

O Turismo é um campo de estudos por essência multidisciplinar, no entanto, já encontramos algumas pesquisas na direção da interdisciplinaridade. Esse próprio ensaio, não almeja apenas utilizar-se de conceitos de Memória Social para problemáticas dos estudos em Turismo, mas também chamar atenção que o fenômeno turístico pode interessar a estudos da Memória Social, neste caso, através da concepção de memória, silêncio e esquecimento, refletindo sobre práticas turísticas. “A interdisciplinaridade constitui-se, portanto como uma ferramenta do saber que interliga conhecimentos sem ocasionar sentimento de superação, mas na busca pela tentativa de união de saberes” (FARIAS; SONAGLIO, 2013, p. 78).

A proposta transdisciplinar [...] pretende pôr em xeque a disjunção entre as disciplinas, valorizando pesquisas capazes de atravessar os domínios separados. A ideia não é reunir conteúdos, mas produzir efeitos de transversalidade entre os diversos saberes (GONDAR, 2005, p. 14).

Mesmo com grande potencialidade, os conceitos estudados no campo do Turismo têm-se voltado para a transdisciplinaridade ainda de maneira incipiente, enquanto que, no campo da Memória Social, vem sendo “produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber” (GONDAR, 2005, p. 13). Tanto Turismo quanto Memória Social são áreas do saber em construção, sendo que a segunda já avançou bastante no entrecruzamento de disciplinas diversas, chegando a ser considerada como um conceito em movimento.

Considerando a dinamicidade dos estudos de Memória Social, é importante atentarmos para o fato de que memórias são construídas no presente, podendo até utilizar as lembranças como recurso, mas é o contexto do espaço sociocultural da atualidade que influenciará o sujeito na reconstrução de memórias.

A memória é uma construção. Ela não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados (GONDAR, 2005, p. 18).

A memória é uma visão no presente sobre o passado, e não o passado em si. “Quando se afirma que a memória envolve recriação, é porque não há possibilidade

de um resgate original, de uma recuperação absoluta, pois, apesar de permanente, altera-se sempre de acordo com novas configurações” (GODOY; GUIMARÃES, 2014, p. 132).

É importante compreender a Memória enquanto construção social, é necessário ampliarmos o olhar, para enxergarmos o campo do Turismo para além de uma atividade econômica, mas, também como fenômeno que se estabelece através construções sociais. Uma das características do Turismo é a simultaneidade no processo de produção e consumo (RUSCHMANN, 1999), ou seja, o Turismo só acontece a partir do encontro do Turista com uma gama de agentes sociais envolvidos, diretamente ou não, nesse processo vivencial que resultará em uma construção social. E, para Fratucci (2009, p. 396), o espaço vivido do Turismo se caracteriza a partir das interações temporárias entre anfitrião, turista, agentes de mercado, os trabalhadores e o Estado.

Memória, Silêncio, Esquecimento e Turismo

O sujeito social não consegue recordar de tudo que aconteceu em sua vida, portanto, as relações existentes entre memória e esquecimento podem acontecer de maneira natural – quando os sujeitos simplesmente esquecem –, ou coercitiva – quando instituições de poder agem, para que fatos sejam esquecidos de maneira despercebida pela sociedade. Quanto à questão da memória e silêncio, também ocorre algo semelhante, pois existem sujeitos que recordam, mas silenciam algumas lembranças, na maioria dos casos, porque se referem a momentos que não lhe trazem felicidade, ou porque são práticas moral e/ou legalmente inaceitáveis no contexto atual. O silêncio ocorre por medo de “ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p. 8). Por outro lado, também existe o silenciamento de memórias, quando, por meio do uso do poder, sujeitos sociais têm suas memórias silenciadas.

Na obra *Memória Coletiva & Teoria Social*, Santos (2003) chama a atenção para o fenômeno da amnésia coletiva, problema que vem afetando, cada vez mais, algumas sociedades atuais através da perda de referenciais histórico-culturais. Segundo Arendt (1968 apud Santos, 2003, p. 17), a tragédia começou “quando desapareceram mentes para herdar e questionar, pensar e lembrar”. Sabe-se que as práticas sociais são estabelecidas enquanto campos de disputa e correlações de

poder, que se têm demonstrado bastante evidentes às coerções de grupos sociais dominantes para silenciar memórias de grupos que representam minorias sociais, assim como, estratégias aparentemente mais brandas que visam ao esquecimento. Tomando como exemplo o caso da ditadura civil-militar brasileira, que ocorreu no período de 1964 até 1985, muitas memórias foram silenciadas de maneira brutal, inclusive com o desaparecimento de pessoas, e a estratégia para o esquecimento está calcada na anistia, pois o termo significa perdão e esquecimento. No entanto, as sociedades devem manter suas memórias históricas vivas, e com certo grau de criticidade, para que o retorno a situações prejudiciais não sejam evocados.

“Para Arendt o grande perigo a ser enfrentado por nós, modernos, é a perda da tradição, dos elos entre passado e presente, isto é, da capacidade de lembrar” (ARENDR, 1968 apud SANTOS, 2003, p. 17). Assim abre-se caminho para o surgimento de tradições forjadas, em localidades turísticas, corroborando com as reflexões de Hobsbawm e Ranger (1984), que discutem as características dos costumes, onde o vínculo entre passado e presente encontra-se no processo de regularidades com as suas devidas variabilidades, e da tradição inventada, onde o referencial ao passado pode estar nos processos de rupturas, que visam a se reestabelecerem de maneira padronizada, ou seja, invariável. Assim compreende-se porque alguns projetos de Turismo Cultural não conseguem estabelecer correlações entre o objeto turístico-cultural e a comunidade local, parecendo algo forjado apenas “para turista ver”, que pode até pertencer a um passado do lugar, mas não possui vínculo identitário, ou ser uma tradição inventada que nunca pertenceu à localidade. Na maioria dos casos de planejamento turístico, observa-se um poder dominante do grande empresariado, investidores influenciando nas diretrizes do turismo, sem ouvir os anseios da comunidade local. Existe uma espécie de memória mundial do Turismo, que funciona como memória oficial, sendo capitaneada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) cujos fatores econômicos da atividade são superdimensionados em detrimento dos socioculturais.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 4).

Ampliar o olhar para memórias subterrâneas em destinos turísticos poderá acentuar o caráter destruidor, uniformizador e opressor que os investidores, na maioria das vezes forâneos, estabelecem, utilizando como corolário indicadores econômicos relacionados com a Memória oficial do Turismo. Inclusive, negligenciar as memórias subterrâneas pode até prejudicar os próprios investidores, através do desconhecimento de problemas crônicos nos serviços da gestão pública, que prejudicam a comunidade local, e poderão prejudicar o andamento dos seus negócios.

Ao procurarmos compreender os campos de poder entre memórias e turismo, é importante atentarmos que:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 5).

Conforme já tratado anteriormente, é importante observar que grande parte dos conflitos sociais em localidades turísticas estão pautados nas correlações de poder entre as memórias subterrâneas de grupos sociais autóctones, e a memória oficial utilizada pelos investidores forâneos, que visam a transformar localidades em *points* turísticos através de um total desconhecimento ou silenciamento da cultura popular.

Por muitas vezes, destinos turísticos tentam se categorizar enquanto instituições oficiais de memória, buscando inclusive estabelecer uma visão cultural homogênea e hegemônica, um imaginário pautado em *slogans*, que, de maneira reducionista, evidencia o elemento cultural priorizado, em detrimento de uma diversidade de memórias subterrâneas. Para Pollak (1989), o controle institucional de memórias ocorre através da escolha de testemunhos de pessoas que pensam de acordo com a ideologia da instituição, do controle sobre as fontes materiais de memória a serem desvendadas, e da contratação de pesquisadores que também gozem da mesma ideologia da instituição. Para melhor compreender a relação entre Memória e poder em casos que envolvem o Turismo, Godoy e Guimarães (2014) problematizam o controverso caso do fechamento da empresa aérea Panair do

Brasil em 1965, a partir da memória coletiva de seus ex-funcionários, que denunciam um processo de perseguição política, e agem no intuito de manter viva a memória da empresa, forjando-a como identidade nacional.

Conforme observado, as práticas que envolvem Memória Social e Turismo possuem uma série de conflitos, que para melhor compreensão, precisam ser estudados de maneira interdisciplinar.

Considerações Finais

Este trabalho se propôs a refletir sobre as relações entre Memória Social e Turismo, no intuito de chamar a atenção de pesquisadores de ambos os campos do saber para suas imbricações, tornando-se apenas um ponto de partida para novas reflexões. A questão das sociabilidades ficou compreendida no campo da Memória, que hoje já se encontra em uma dimensão transdisciplinar, e já vem sendo discutida socialmente desde a primeira metade do século XX. Enquanto que, no campo do Turismo, seus primeiros estudos, na primeira metade do século XX, o colocavam enquanto um ramo das ciências econômicas, hoje ele se caracteriza como um campo de estudos multidisciplinar, que precisa avançar para as dimensões inter e transdisciplinares, ampliando o olhar de mera atividade econômica para um fenômeno sociocultural.

A fim de contextualizar o estudo, foram utilizadas as noções de esquecimento e silêncio no que tange às memórias sociais, discutindo como as questões de poder se estabelecem nessas relações e como determinados atores do turismo podem apoderar-se do controle das memórias de uma localidade. Percebeu-se que, em grande parte dos casos, o que as instituições de poder tentam esconder através do silenciamento e esquecimento de memórias é o que a comunidade quer demonstrar; por outro lado, o que a comunidade visa a demonstrar é o que as instituições de poder desejam esconder.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FARIAS, Mayara Ferreira de; SONAGLIO, Kerlei Enile. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 3, n. 1, p. 71-85, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. Refletindo sobre a gestão dos espaços turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. **Turismo em Análise**, v. 20, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14192>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2016.

GODOY, Karla Estelita; GUIMARÃES, Valéria Lima. Turismo, história, memórias e imaginários dos tempos da PANAIR. **Rosa dos Ventos**: turismo e hospitalidade, América do Norte, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2637>>. Acesso em: 7 janeiro de 2016.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

HOBBSAWM, Erick; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

RUSCHMANN, Doris. **Marketing turístico**: um enfoque promocional. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.